

## A ORIENTAÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

por

FRANCISCO ARMANDO FERNANDES

### RESUMO

O que se entende por orientação da leitura. Quem orienta quem? A (des)orientação da leitura que impera nalgumas Bibliotecas. Que orientação da leitura ante as novas tecnologias.

### ABSTRACT

The reading guidance in Public Libraries.

What to understand by reading guidance. Who guides who? The bewilderment of reading which reigns in some libraries.

What reading guidance , facing new technologies?

## INTRODUÇÃO

As Bibliotecas Públicas em Portugal atravessam uma fase de crescente expansão. Por um lado, a rede de leitura pública da Fundação Calouste Gulbenkian continua a trilhar caminhos seguros, alicerçada na experiência; por outro, a rede de leitura pública que o Instituto Português do Livro e da Leitura está a conceber em colaboração com as Autarquias, leva-nos a pensar que dentro em breve as Bibliotecas Públicas sejam encaradas na justa dimensão e entendidas como um dos mais nobres e úteis baluartes da cultura.

Sendo as Bibliotecas Públicas a expressão da cultura escrita, nem por isso elas se podem furtar (não o estão a fazer) a conterem no seu interior instrumentos que de uma forma ou de outra têm ameaçado a cultura escrita. Referimo-nos concretamente à rádio, à televisão e ao cinema.

Assim, não admira que as Bibliotecas Públicas estejam a servir de ponte entre a era Gutenberg e a era de McLuhan. O papel de ponte entre as duas eras não se fez, nem se faz, sem acesa controvérsia. Curiosamente, ou talvez não, fala-se pouco na orientação da leitura. Fala-se no livro, na dinamização de actividades culturais, nos meios audio-visuais; quanto ao problema da orientação da leitura, o silêncio tem sido palavra de ouro. Por não concordar com tal silenciamento, entendi trazer o assunto a este Congresso.

## O QUE SE ENTENDE POR ORIENTAÇÃO DA LEITURA

1. Sempre foi do consenso universal que o funcionamento de uma Biblioteca Pública tem por instrumento essencial e indispensável a orientação da leitura ou dos leitores.
2. A orientação da leitura começa por presidir a organização e equipamento técnico das Bibliotecas: é para os leitores serem orientados que os fundos bibliográficos são tratados, são arrumados, ordenados, se rodeiam, enfim, de todo o aparelho técnico, definido e estabelecido.

3. É esta finalidade - orientar os leitores - que explica a maleabilidade desse aparelho técnico e o carácter convencional e alterável que têm as "regras científicas" do aparelho técnico das Bibliotecas.
4. Todavia, o essencial não é esta manutenção técnica da leitura. O essencial é a orientação cultural ou intelectual do leitor. Ora, a orientação intelectual carece de certos condicionalismos prévios. Alguns deles:
  - a) A relação entre o Bibliotecário e o leitor deverá ser análoga à relação entre médico e doente. Isto é: trata-se de uma relação pessoal que se inicia pela receptividade do Bibliotecário aos interesses dos leitores, muitas vezes à sua definição que os leitores ignoram.
  - b) Iniciada a relação, desenvolve-se ela numa espécie de cumplicidade: o Bibliotecário e o Leitor estabelecem entre si um interesse comum e secreto e dão-se mutuamente informações - o Bibliotecário dá informações sobre livros; o Leitor sobre leituras.
  - c) Destas condições resulta:
    - a função do Bibliotecário corresponde a uma vocação especial que nem todos possuem;
    - exige também um interesse pelos livros que, sendo um interesse geral, atende à diversidade de temas e assuntos que, embora sem o Bibliotecário os ler, os livros contêm. O Bibliotecário apresenta-se ao leitor como um aprendiz: o Leitor é que sabe; ele é que lê;
    - o Bibliotecário deverá possuir, não só tanto uma cultura ampla, como uma apetência cultural.
5. A orientação da leitura dispersa-se por tantos domínios quantas as espécies de leitores. Desde logo se podem considerar as seguintes espécies:
  - a) crianças
  - b) adolescentes
  - c) adultos

A orientação da leitura nas crianças não é de considerar por não se tratar propriamente de orientação intelectual, antes de uma aliciação por meios que não são, em rigor, os da leitura: jogos, representações, etc.

A orientação só se dá a partir da adolescência e, aí, de que se começa por tratar é de criar no leitor as imagens das potencialidades e finalidades que a leitura oferece. Imediatamente, deve afastar-se a ideia da utilidade da leitura, seja utilidade para preparações profissionais, seja para habilitações escolares. Orientar os adolescentes é encaminhá-los para o valor do pensamento e da imaginação.

Com os adultos apresentam-se múltiplas diversidades de interesses que o Bibliotecário deve saber determinar até criar com o leitor aquela cumplicidade já referida. E no essencial é isto que entendo por orientação da leitura.

#### QUEM ORIENTA QUEM?

Como já demonstrei, a orientação da leitura é coisa recíproca. O Bibliotecário aprende com o Leitor, o Leitor escuta e acata a opinião do Bibliotecário. Por esse facto, o Bibliotecário tem a responsabilidade de lembrar os livros de autores de grande merecimento que por variados motivos (muitos deles bem fúteis) não lograram o devido reconhecimento. Lembro alguns: Matias Aires, Bartolomeu dos Mártires, Frei Luís de Sousa, Padre Manuel Bernardes, Latino Coelho e António Patrício. Repito: só lembrei alguns e portugueses.

A moda, à propaganda, o Bibliotecário tem de responder argutamente. O leitor que não escute o Bibliotecário só raramente deixará de ficar imune aos efeitos da moda e da propaganda. Certamente, muitos ainda se lembram dos milhares, das centenas de milhares de livros vendidos por Caril Chessman. E o que ficou deles? Nada.

Com este exemplo penso ter ilustrado de forma exemplar a acção do Bibliotecário. É que, se o Bibliotecário conseguir a cumplicidade do Leitor, as caixas e mesas de exposições com novidades literárias são "invadidas" pelos livros de real valor. Além de que as Bibliotecas não são espaços comerciais; são, isso sim, espaços culturais.

## A (DES)ORIENTAÇÃO DA LEITURA QUE IMPERA NALGUMAS BIBLIOTECAS

Porque o termo "orientação da leitura" não logra grandes entusiasmos, as razões são evidentes, nos últimos tempos, as Bibliotecas vivem os faustos da "animação cultural". É uma forma de tornear as dificuldades de se estabelecer uma eficaz orientação da leitura e em muitos casos é uma maneira de se pretender "tapar o sol com a peneira" da relutância à leitura.

Infelizmente, é um facto que a esmagadora maioria das pessoas que frequentam as Bibliotecas o fazem por razões de utilidade. Acresce ainda o problema candente da contínua expansão do iletrismo. A praga antiga atinge de forma imparável a sociedade e os remédios capazes de combaterem o fenómeno estão ainda na fase de experimentação. Porque me parece enquadrado no âmbito desta minha comunicação, permito-me lembrar uma intervenção que efectuei no Palácio Galveias onde abordei o problema do iletrismo e da leitura pública: "É uma elementar evidência do Senhor de La Palisse esta do benefício da Leitura e, embora o seja, muito boa gente prefere ignorar essa evidência. E percebe-se o motivo. Efectivamente, transmitir, incutir ou promover hábitos de leitura dá muito trabalho e pouco lucro".

Além disso, a euforia pela máquina leva pessoas com responsabilidades a cometerem erros graves, e sou levado a acreditar que um ou outro Bibliotecário não se importaria de levar a Biblioteca onde trabalha a transformar-se num enorme armazém de vídeos e computadores. Acrescente-se a este clima, a monção favorável à realização de acções de animação cultural nas Bibliotecas que não passam de grosseiras manipulações onde se visam objectivos de propaganda, resultando daí os inevitáveis focos infecciosos de aversão à leitura.

Fazer da Biblioteca o centro cultural por excelência da Comunidade é obrigação primacial do Bibliotecário de leitura pública; fazer da Biblioteca um espaço noturno onde todo o tipo de actividades é realizado sem o adequado suporte documental, o necessário enquadramento e a posterior indicação de bibliografias ou pistas de leitura, é um flagrante e escandaloso convite à não leitura. Apesar dos maus resultados advindos dessas práticas, continua a existir gente apostada em utilizar as Bibliotecas dessa forma. Enfim, são casos de evidente desanimação cultural.

A animação da leitura é uma coisa séria, muito séria para ser entregue a diletantes ou a (des)animadores que pretendem resultados a curto prazo, ignorando supinamente o facto de em matéria cultural os resultados só surgirem a longo prazo e nunca serem passíveis de conversão em mera operação contabilística de "deve e haver".

Porque é imperioso combater este estado de coisas é porque a leitura é a arma mais eficaz, urge eliminarem-se uns quantos "narizes de cera" muito em voga em diversas Bibliotecas Públicas de forma a que a chamada animação cultural seja a ante-câmara da orientação da leitura, de modo a que os fundos bibliográficos sejam efectivamente lidos, deixando de serem adornos a envelhecerem nas estantes.

### QUE ORIENTAÇÃO DA LEITURA ANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Com as novas tecnologias a cultura escrita viu-se confrontada no seu próprio terreno e muitos temeram o seu declínio. Hoje verifica-se serem tais tecnologias preciosos meios no domínio da organização das Bibliotecas. Tais maquinismos facilitam a aproximação do indivíduo à Biblioteca, o que é de enaltecer.

No entanto, muita gente sucumbe à magia do maquinismo e esquece o essencial: o livro, a leitura. Colocar tais instrumentos ao serviço da leitura deve ser preocupação do Bibliotecário. Já não deve ser preocupação do Bibliotecário fazer das máquinas o "alter-ego" da Biblioteca. As máquinas são fascinantes e muitos são os seduzidos. A sedução transforma-se em vício e alguns Bibliotecários a trabalharem em Bibliotecas Públicas passam horas e horas rendendo litanias a esses deuses. Os resultados são implacáveis: as Bibliotecas perdem leitores e ganham utilizadores.

Na minha modesta opinião, a orientação da leitura pode e deve servir-se dos maquinismos com a finalidade de transmitir sólidos hábitos de leitura às populações. Nessa perspectiva até se podem extrair notáveis benefícios. Segundo Platão, os livros são como "imagens"; pegar nessas "imagens" recorrendo à imagem e ao som a fim de que a verdadeira imagem fique na mente dos leitores a fim de eles poderem imaginar, acaba por ser gratificante e compensador para os Bibliotecários.

Assim eles queiram.